

“S. CRISTÓVÃO” DE EÇA DE QUEIRÓS

LUIZ PIVA

Em 1879 o meio literário de Portugal é abalado com a publicação de *O Mandarim*, livro que se afastava consideravelmente, — no dizer do próprio autor — da moderna corrente da literatura portuguesa tornada nos últimos anos analista e experimental. Contudo, — di-lo Eça de Queirós em carta ao redator da *Revue Universelle* — o fato mesmo de *O Mandarim* pertencer à fantasia e não à realidade, ser inventado e não observado, reflete com fidelidade a natural e espontânea tendência do espírito português para o lirismo e o idealismo. Não obstante os novos autores se aplicarem no estudo da natureza e se esforçarem por imprimir nas suas obras maior soma de realidade viva, — os portugueses continuam, no fundo, idealistas e líricos. Uma frase bela agrada-lhes mais do que uma noção exata. E a fantasia e a eloquência serão sempre para eles as marcas do homem superior. Lançado no meio do mundo real o artista sentir-se-ia desfalecer se não lhe fôsse dado de vez em quando levantar vôo, repousar “do áspero estudo da Realidade humana”, e partindo para os campos do sonho, vaguear pelas “azuladas colinas românticas onde se ergue a torre abandonada do Sobrenatural”.

É para esta “torre” que o autor de *Os Maias* volta o pensamento ao escrever *Lendas de Santos*, obra que nos revelaria novos e ricos aspectos da personalidade eciana. Nelas colocaria Eça de Queirós todo o poder do seu talento.

A história de Cristóvão principia quando um lenhador, servo de um Senhor de Castelo, vê-se inesperadamente diante de um mensageiro celeste, que lhe anuncia o nascimento de um filho que seria santo. Cristóvão, contra tôdas as expectativas paternas, nasce anormal. O filho do lenhador era um monstro!

«Escuro, coberto de uma pele rugosa e áspera; com uma face vaga, informe, onde as feições faziam como vagas protuberân-

cias nodosas; as mãos enormes enclavinhadas sôbre o ventre felpudo; torto das pernas, que findavam em dois pés agudos, como os de um fauno, todo êle parecia uma raiz sombria, /.../. Era como o rudimento de um ser vegetal!»

Durante três dias e três noites não dá sinal de sobrevivência. Eis, porém, que a criança se move e principia seu extraordinário crescer, caminhando sua monstruosidade para formas de um corpo grosseiro, sim, mas humano. Maravilhados, os pais assistem ao invulgar desenvolver de fôrça e de formas de Cristóvão. E no entanto, já crescido, o menino não falava. Então, tôdas as esperanças paternas diante da primeira robustez do filho esboroam-se e a alegria muda-se em dor, porque, além de disforme, o filho era imbecil... Até que uma noite, em que a mãe, ralada pelo desgosto da mudez da criança, estava para morrer, Cristóvão, súbitamente falou:

«Ó mãezinha, mãezinha, não durmas!»

Sôltas as primeiras palavras de sofrimento e amor, começa Cristóvão a espontâneamente auxiliar o pai nas mais rudes tarefas. Órfão de mãe, Cristóvão breve fica órfão de pai, e livre dos sentimentos que o prendiam aos homens, regressa à Natureza. Durante todo um ano vive, solitário, na serra:

«E pouco a pouco, naquela solidão, longe de tôda a vida humana, êle quase perdeu a sua humanidade, e foi como um pedaço da montanha que o cercava.»

Um dia, ao avistar um grupoo de homens Cristóvão sente o desejo de estar novamente com os outros homens, e tomado de uma ânsia imensa de ajudar a todos, desce a serra. Breve, passa a trabalhar num convento e sôbre êle recaía todo o serviço da comunidade. Toma conhecimento, através de iluminuras que um jovem lhe explica, da vida e dos ensinamentos de Jesus, vertendo sentidas lágrimas diante da morte do Salvador. Lamentando-se de ter conhecido a Jesus tão tarde, chorava “por todos os que, morto Êle, perdiam o amigo melhor dos homens.” Chorando sempre, Cristóvão põe-se a caminhar até chegar à aldeia. Ali torna-se o servo de todos. As portas do convento nunca mais as transpôs,

«porque lá habitam a paz, a abundância, o celeiro está cheio de trigo, a adega cheia de vinho, uma grande alegria e orgulho reinam nos corações, — e para lá não iriam decerto os passos de Jesus, nem os seus a seguir o seu Senhor.»

Mas fora do convento havia necessitados, infelizes, que pre-

cisavam da força de seus braços. E Cristóvão se torna omnipresente para que ninguém fique sem sua ajuda. O guaridão do convento, porém, não perdoava a Cristóvão o ter abandonado os serviços da Ordem, e os frades, sempre que pregavam, não deixavam de insinuar que os gigantes tinham pacto com o diabo. Tendo um temporal arrasado a aldeia, todo o mal foi atribuído à presença de Cristóvão, e a multidão liderada pelos frades clamou contra êle insultos. Tomado de aflição e espanto, viu o bom gigante virem contra êle aquêles mesmos a quem servira com mais carinho!

Cristóvão, vendo que ninguém mais o queria, deixa para sempre os lugares onde nascera, e caminhando longos dias, chega a uma cidade onde grassava a peste. Sua popularidade suscita os ciúmes do Senhor da cidade, que o manda prender com correntes de ferro. Livrando-se das mesmas, dirige o gigante os passos para caminhos diversos até chegar ao sopé de uma montanha, habitada por eremitas. Não tarda a ver que também ali Deus não estava porque havia orgulho e da imobilidade contempladora dos eremitas “não saía nenhum bem, nada que aquecesse o coração.” E Cristóvão, triste, sentia saudade de “outros homens mais humanos, e do riso das crianças.” E numa tarde abandona para sempre a montanha, errando por terras desertas e por lugares assolados pela guerra. Numa aldeia, junto de um calvário, vê gente reunida em volta de um frade que, clamando pela justiça de Deus, acusava os barões de correrem as terras e tudo destruírem para adestrar os soldados. Depara depois uma multidão de cavadores a trabalhar duramente a terra. Compu-gido, Cristóvão procura aliviar o trabalho dos cavadores e o sofrimento das crianças, repartindo com elas o pão que lhe cabia. Assiste depois à *missa negra* oficiada na floresta, mas também ali não pára porque

«Aquela gente clamorosa não era amiga do Senhor. Perdidas estavam as suas almas.»

E Cristóvão pôs-se novamente a caminho até chegar a um castelo feudal onde se torna o brinquedo, logo esquecido, ao sabor dos caprichos do pequeno Senhor, e passa a visitar as moradias dos servos, onde ouve os velhos contarem histórias de violências e crueldades. Recolhendo ao castelo, “tôdas aquelas tôrres, aquelas muralhas lhe pareciam de um aspecto cruel e hostil ao pobre.” E acaba por unir-se aos *Jacques*, seguindo-os de castelo a castelo, sendo para êles como um

pai a mendigar com os filhos pelos caminhos. Dia e noite éle mantinha a ordem na turba:

«Não permitia que despojassem as árvores dos frutos, que se tomasse o gado nas pastagens. Só era aceite o que a caridade dava. Se encontrava mendigos, histriões famintos, gritava com um grande gesto: «Vinde também.»

Assim vagueavam, quando uma tarde, junto a uma lagoa, os *Jacques* se defrontam com um grupo de cavaleiros, armas em riste. A batalha é árdua. Os cadáveres dos infelizes cobrem a planície. Finda

«a grande marcha, que levava aos castelos e abadias
a visão estranha das grandes misérias da terra,»

Cristóvão passa outra vez a percorrer longas terras. Ora, um dia, ao sair de uma cidade encontra um histrião, de cuja miséria se compadece e por proposta própria, a trôco do pão e da metade do ganho, passa a mostrar-se numa feira, numa barraca, à curiosidade indiscreta da turba.

Finda a feira, de nôvo Cristóvão correu o mundo. Mas os anos tinham passado e éle era “mais velho que os mais velhos carvalhos.” Contudo, ainda tinha fôrças para servir.

Do *S. Cristóvão* salta-nos de imediato à vista a estreita relação entre a Natureza e a personagem central. Mais do que estreita relação: comunhão, irmanação. Cristóvão é a integração do homem à Natureza. Quando éle está para nascer, os pais acordam de manhã

«a um grande canto de pássaros, tão alegre e ruidoso como se tôdas as cotovias e melros da floresta estivessem celebrando uma festa sôbre o colmo da sua cabana: e em tórno ao catre flutuava estranhamente um fresco cheiro de verduras e flôres novas»,

e tudo vibra, os sinos repicam festivamente, o céu ostenta desusada alegria e os pinheiros, movendo as altas ramas, parecem cantar na hora do nascimento de Cristóvão. O próprio lenhador toma, pela primeira vez, consciência da beleza de tudo quanto cerca os caminhos dêle tão familiares, beleza que antes nunca percebera. Mas começa a mover-se prefere Cristóvão a terra ao próprio leito. Era-lhe o elemento natural:

«...rolava para fora do mantéu, procurando a terra quente e mole, onde se estendia, se dilatava com delícia, como num ele-

mento preferido, sorrindo quieto, num sorriso mudo, que deixava já transparecer o brilho de um dente.»

Ainda infante, acorda para o amor da Natureza, aproximando-se esta dêle carinhosamente a fim de participar de sua existência. O correr do tempo não faz senão aumentar-lhe o afeto pela mesma, e campos e florestas tornam-se cada vez mais íntimos, nêles passando os dias entre os retiros mais densos, “vegetando na doçura infinita de sentir os seus longos cabelos emaranhados nas fôlhas.” A vida de Cristóvão é um enternecido e sempre mais vivo convívio com a Natureza. O coração cada dia se lhe enche de maior ternura para com os animais, as árvores, o firmamento, o universo todo. Vê-lo-emos nos últimos dias de sua existência compadecer-se de um ramo sêco, desviar-se do caminho para não pisar a relva, e fazer com o seu corpo sombra às rochas para que o sol não as fira...

Essa viva irmanação com a Natureza constitui, ao lado da grande ternura de Cristóvão para com as crianças e a presença do Menino Jesus, um dos traços mais nítidos da filiação eciana com o Franciscanismo.

Muitas são as páginas de Eça de Queirós que fazem referência a S. Francisco de Assis, principalmente a partir da *Correspondência de Fradique Mendes*. Quando em 1889 delinea o necrológio de D. Luís, S. Francisco surge-lhe como o protótipo da “bondade heróica.” Daí por diante nenhum outro santo aparece com tanta frequência na sua literatura. No escrito *Um Santo Moderno* S. Francisco é tido como um dos três santos “mais puros da Cristandade”, e logo depois, em *Positivismo e Idealismo*, chama-lhe “santo incomparável.” Com o choque, por volta de 1893, entre o positivismo e o idealismo por um lado, e por outro, entre os últimos adeptos do naturalismo e as novas correntes literárias de influência idealista, Eça de Queirós, que acompanhou com vivo interesse o desenrolar dos debates filosóficos, acaba por decidir-se pelos idealistas, e sob a influência dos estudos de Sabatier sobre S. Francisco de Assis que puseram em relêvo a literatura de cunho franciscano, alarga sua adesão ao *Poverello* e a tudo quanto lhe diga respeito. Já nos princípios de 1894 publicava na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro o conto *Frei Genebro*, diretamente inspirado na vida de S. Francisco de Assis e dos seus companheiros.

Os franciscanos não só mitigaram as aflições do povo,

mas tornaram-se também defensores dos seus direitos violados, não hesitando em tomar parte nos movimentos de revolta dos oprimidos. No *S. Cristóvão* o frade franciscano ocupa lugar importante na vida do santo e surge, — como o nota Jaime Cortesão — quando êste passa do amor simples para o amor refletido e militante. “O grande movimento de idéias do século XIII foi mais que tudo um movimento religioso com um duplo caráter popular e laico”. A revolução religiosa visava naquele tempo um novo sacerdócio e a santidade leiga. S. Francisco de Assis foi, no dizer de Paul Sabatier — o mais alto representante desse movimento. Este pensamento reflete-o *S. Cristóvão*. Este não pertence a nenhum credo definido e *Cristóvão* é o protótipo da santidade leiga. O próprio templo lhe surge como um luger triste, cheio de mistério. A melancolia da casa de Deus o cansa, sentindo-se bem só quando, findas as cerimônias litúrgicas, torna a contemplar os castanheiros do adro como se nêles visse o verdadeiro templo do Criador. Sua existência é um longo peregrinar por terras, castelos, cidades e lugares em que seus braços sejam necessários, procurando sempre ser útil e bom, sem outro intento que o de servir. A santidade é nêle uma contínua prática do bem, uma enternecida comunhão com a Natureza e através desta com Deus.

Traço característico do espírito franciscano é também a ternura para com as crianças. Também aqui revela *Cristóvão* sua alma franciscana. Seu carinho para com os pequenos não conhece limites, empenhando-se todo para vê-los felizes. Nenhum trabalho lhe é penoso quando se trata de lhes satisfazer a vontade. Ele próprio, no fundo, é uma criança porque, como os pequenos, possui a bondade e a doçura do olhar e do servir. Seu comportamento desconhece a malícia. O Menino Jesus está freqüentemente presente em seu espírito, e em muitas crianças via êle a beleza do mesmo.

Característica não menos importante da santidade de *Cristóvão* é o seu profundo senso de justiça. A todos dá êle aquilo a que têm direito e dá-lo no tempo certo. Não espera que o solicitem; intervém de imediato quando sua presença é necessária. Não têm os desvalidos direito à ajuda dos melhor dotados? A miséria penaliza-o e pergunta-se por que não haveria para todos o mesmo teto, o mesmo pão. Por mais justo uso dos bens materiais adere aos movimentos revolucionários desencadeados pelos *Jacques*. Guia os oprimidos e para êles recolhe os bens que os nobres repartiam com os pobres. E por momentos a justiça pareceu imperar

entre os homens, pois, na alegria pelo já alcançado, viam os infelizes os castelos se abrirem e,

«partilhadas as riquezas, quebradas as armas, não haveria fomes, nem guerras, e apenas, na paz dos campos doces, irmãos abastados».

Mas pouco duraria a ilusão, vitoriosa que foi a incompreensão dos homens. A justiça social teria de aguardar novos dias, tendo de seu triunfo o santo apenas uma antevisão. Mortos os *Jacques*, *Cristóvão*, estendido entre os pinheiros, viu que

«Dos montões de *Jacques* mortos outros *Jacques* se levantavam, com outros trajés, outras armas, impelidos à revolta pela mesma miséria que os oprimia. E sempre do fundo do horizonte, dos altos dos montes, dos cimos, desciam cavaleiros, que tinham armas diversas, gritos de guerra diversos, que carregavam, esmagavam os *Jacques*, os deixavam mortos, sob a grande Lua cheia. Mas dêses, pouco a pouco, mais pálidos, outros se erguiam, brandindo picaretas de mineiros, ferramentas de oficina, mostrando os seus andrajós, os filhos esfaimados, clamando justiça. E logo, a um brado do alto, fortes esquadrões desciam, trazendo à frente magistrados togados, homens carregados de sacos de ouro, e essa massa, caindo sobre os *Jacques*, de novo os prostrava, os deixava num montão, que a Lua, mais pálida e mais desmaiada, cobria de alvura e silêncio. E assim, indefinidamente, os *Jacques* renasciam dos ossos dos *Jacques* mortos, cada vez mais numerosos, até que a planície toda era uma sarça de braços magros clamando, pedindo igualdade. E imediatamente outros esquadrões desciam, mais diminuídos, com um arranque menos vivo, hesitando, lançando golpes mais frouxos. Até que, por fim, os *Jacques* eram tão inumeráveis, que da planície se estendiam aos montes, e a Lua, que já desmaiara de todo, alumiaava multidões disciplinadas, armadas, conscientes, que avançavam com ordem e ritmo. Os esquadrões, mandados contra estas coortes, fundiam-se como cera numa chama. Os *Jacques* ocupavam a terra».

Cristóvão seria santo porque este era o seu destino, devendo sua concretização marcar a divergência entre os desígnios de Deus e os dos homens. São, com efeito, nítidas no *S. Cristóvão* as antinomias entre o plano divino e o humano. Ainda *Cristóvão* não era nascido e já se faziam presentes as ambições dos pais, querendo ela ser, criado o menino, a tecedeira do castelo, e ele, o chefe-mateiro. O pai queria-lhe uma carreira gloriosa, vendo-o já

«com uma mitra cravejada de ouro, em vestes recamadas de ouro, atravessar sob um pálio os caminhos de aldeia, juncados de rosas e de erva-doce».

Mas na vida do santo não haveria lugar para a glória terrena, e seu quinhão seriam os trabalhos árduos, a humilhação. Sonhara-lhe a mãe a beleza do Menino Jesus, e Cristóvão, na sua monstruosidade física, mais se assemelharia a um bicho do que a um ser humano. Os homens não lhe compreenderiam a anormalidade. Atirar-lhe-iam pedras e torrões secos. No entanto, o monstruoso é nêlo o signo do divino. Curioso notar que, nascido o menino, nem os próprios pais se lembrariam da promessa divina, esquecidos do caráter sobrenatural do aparecimento do filho. Cristóvão, contudo, define-se através de si próprio, não se rebelando contra suas limitações, nem contra a própria fealdade quando dela toma conhecimento, e valoriza seu extraordinário ser colocando-o ao serviço do bem, abrindo-se para quantos dêle precisassem, executando o trabalho, mesmo o mais humilde, com alegria, aplicação, consciência de fazê-lo. Afirma-se nêlo o divino pelo que êle é. Cristóvão é porque, tendo-lhe espontâneamente nascido no coração o desejo de servir, tem a coragem de não se deixar esmorecer, de nunca se desmentir, mesmo quando a tarefa a cumprir lhe exige o máximo esforço. Cristóvão é ainda porque não teme recomeçar sempre que as coisas não lhe correm como desejaria.

O caminho do Céu é árduo, longo, e por mais que se avance, mais além se estende. Nem outro sentido tem a cena final de *S. Cristóvão*. Em noite de intenso frio, vento e chuva, Cristóvão ouve uma voz que a chorar o chama. Acorrendo vê diante de si uma criancinha descalça com os cabelos a esvoaçar no vento. Arranca dos ombros a pele que o agasalhava e nela envolvendo a criança pergunta-lhe pela morada do pai. O menino, estendendo o braço para o outro lado do rio, onde os montes negros se erguiam, murmura:

«— Além, para além, muito longe...»

E Cristóvão, pondo no ombro o pequeno, sente os joelhos vergarem sob o imenso pêsso que o esmagava. Principia a caminhar. A travessia do rio exige-lhe esforços quase fora de suas possibilidades. Ah! quanto pesava o menino! E arquejando, começou a subir o caminho da serra, que lhe surgia cada vez mais escarpado e longo.

«— Oh meu menino, onde é a casa de teu pai?
— Mais longe, Cristóvão, mais longe...»

Então o gigante, num supremo e prodigioso esforço, rompe a caminhar, sempre para cima, sempre para cima. Os pés não mais lhe obedecem. Estranho frio invade-lhe o corpo. O chão foge-lhe. Pára. Está a morrer. Sente, porém, suas mãos nas do menino, e entreabrindo os olhos reconhece o Menino Jesus que, no meio do esplendor da manhã, o ia levando para o Céu.

S. Cristóvão é das mais fortes e mais bem trabalhadas figuras de toda a obra literária de Eça de Queirós. Por que teria Eça moldado a alma de Cristóvão dentro do espírito franciscano? Ter-se-ia êle convencido da impossibilidade de o homem salvar-se fora do convívio simultâneo com a Natureza e com Deus? Parece fora de dúvida que o simples fato de o homem estar em contacto com a Natureza não o capacita à plena concretização de si próprio, tornando-se indispensável a convivência com a mesma para que todas as possibilidades do ser humano se expandam. Só o convívio consciente com tudo quanto nos rodeia poderá levar-nos ao paraíso. Tanto no *S. Cristóvão* como no *Santo Onofre* é significativa a esterilidade da imobilidade contempladora dos indivíduos que se isolaram dos homens e das coisas da Terra para, no deserto, alcançar a santidade. É que todos os seus sacrifícios resultam frequentemente infrutíferos, pois, embora em permanente contacto com a Natureza, não convivem com a mesma. Longe da Natureza, suas almas estão igualmente longe de Deus e são prêsas fáceis do orgulho. Cristóvão, ao contrário, convive, sente e ama tudo o que o cerca, e com isso é. Tudo quanto existe no universo é parte de seu próprio ser por senti-lo e integrar-se no mesmo.

A mensagem de Cristóvão é a da santidade obtida pelo simultâneo convívio com a Natureza e com a Divindade. Mostra-nos sua existência estar o Céu ao mesmo tempo longe e perto de nós. Longe, porque a conquista do mesmo não admite esmorecimento; perto, porque o alcançamos com a movimentação de nossas possibilidades. Outra não parece ser a tese do *S. Cristóvão*. Seja qual fôr o papel que a existência nos reservar, desempenhá-lo pelo que somos, conscientes de valer pelo que fazemos, tendo como alvo o Bem.